



CESÁRIO VERDE: TESTEMUNHO E LEGADO ESTÉTICO
(CESÁRIO VERDE: TESTIMONY AND AESTHETICAL LEGACY)

Rosane Gazolla Alves FEITOSA (Unesp-Assis)

ABSTRACT: *Cesário Verde, a Portuguese realistic poet, contemporary of Eça de Queiroz and Antero de Quental, may be considered a predecessor of modern poetic processes and is also a poetic witness of his time, second half of the nineteenth century. This brief comment about the posthumous poem In the afternoon which is related to the country cycle poems, was meant to show Cesario Verde's tradition and modernity by means of social and aesthetic conceptions.*

KEYWORDS: *Cesário Verde; Portuguese Realism; poetry; second half of the nineteenth century.*

O aspecto que, desde o começo, atraiu a nossa atenção foi a qualidade plástica, pictórica dos poemas de Cesário Verde (25-02-1855/19-07-1886), poeta português da segunda metade do século XIX, um dos antecipadores do Modernismo português.

Embora pouco soubesse conscientemente de pintura, acabou por legar à posteridade poemas que se constituem em quadros dos mais originais e reveladores da vida urbana e campestre do Portugal oitocentista. Ao ler alguns dos versos cesarinos, o leitor tem a impressão de estar perante um poeta-pintor. O poeta não só utiliza, com certa frequência, termos ligados à pintura, mas também adota uma atitude de pintor em face da realidade.

É fundamental, entretanto, não esquecer que Cesário Verde, embora sendo um poeta de difícil classificação, foi um homem do seu tempo, tendo sofrido, conseqüentemente, a influência do ambiente cultural que dominava a Europa na segunda metade do século. Ele pertence, na verdade, a um período da História da Arte do Ocidente, durante o qual a literatura tendeu a aproximar-se da pintura e da escultura. Diz Hauser (1972:1055). *Na segunda metade do século XIX, a pintura passa a ser entre as artes aquela que mais influência exerce(...). A pintura domina todas as outras artes, não só como a mais progressiva da época(...), os grandes poetas deste período eram os pintores impressionistas.*

O aspecto apontado por Figueiredo (1986:141) como característica da modernidade do poeta é o seu Impressionismo *avant la lettre*, que o coloca à frente dos pintores portugueses de seu tempo. *Na verdade, enquanto Silva Porto e os seus acólitos se haviam limitado a aprender a lição de Barbizon, ele, sem nunca ter saído de Portugal, soubera ser impressionista em Num bairro moderno, e em Manhãs Brumosas e voltará sê-lo em De verão e De Tarde(...).*

O poeta dá uma dimensão pictural a seus poemas numa correspondência entre cores, letras e temas. Pintura e literatura estão intimamente ligadas na poesia de Cesário Verde, na medida em que verificamos a analogia entre os temas expressos em linguagem pictural e em linguagem verbal.



As expressões próprias dos artistas plásticos invadem algumas vezes os textos de Cesário Verde, embora numericamente não em quantidade suficiente para deduzir-se que seria um recurso que denotasse a intenção de fazer literatura impressionista:

*Espanta-me a actrizita que hoje pinto (Cristalizações)
 E eu, de luneta de uma lente só / Eu acho sempre assunto a quadros* revoltados
 / (...) / Longas descidas! Não poder pintar / Com versos magistrais, salubres e
 sinceros, / A esguia difusão de vossos reverberos, / E a vossa palidez romântica
 e lunar! / (Sentimento dum Ocidental)
 Criança encantadora! Eu mal esboço o quadro / Da lírica excursão, de
 intimidade. / Não pinto a velha ermida com seu adro/
 Sei só desenho de compasso e esquadro, / Respiro indústria, paz, salubridade.
 (De verão)
 Fecho os olhos cansados, e descrevo/Das telas da memória retocadas/(...)/Então
 recordo a paz familiar, / Todo um painel pacífico de enganar! / (...) / Pinto
quadros por letras, por sinais, / Tão luminosos quanto os de Levante, / (...) (Os
 campónios)
 As 'hacidentas' que há na 'Andalucia' / Pintavam como novos paisagistas. (Nós)
 (*Grifos nossos)*

O vocabulário _ pintar, quadro, tela, desenho_ aponta uma tendência pictórica e denota as qualidades de um pintor escondidas nos recônditos do poeta, que adotou a folha de papel como tela e o alfabeto como paleta.

Além de versos de teor impressionista esparsos ao longo da *Obra Completa de Cesário Verde* (org. de Joel Serrão, 1992, edição usada neste estudo) um soneto é recorrentemente apontado pela crítica como sendo uma bela obra impressionista:

De tarde

*Naquele 'pic-nic' de burguesas,
 Houve uma cousa simplesmente bela,
 E que, sem ter histórias nem grandezas,
 Em todo caso dava uma aguarela.*

*Foi quando tu, descendo do burrico,
 Foste colher, sem imposturas tolas,
 A um granzoal azul de grão-de-bico
 Um ramalhete rubro de papoulas.*

*Pouco depois, em cima duns penhascos,
 Nós acampámos, inda o sol se via;
 E houve talhadas de melão, damascos,
 E pão-de-ló molhado em malvasia.*



*Mas, todo púrpuro a sair da renda
 Dos teus dois seios como duas rolas,
 Era o supremo encanto da merenda
 O ramallete rubro das papoulas!*

No poema De Tarde, publicado pela primeira vez postumamente em 1887, com data de composição ignorada, o elemento pictural é a base do bucólico piquenique descrito à luz avermelhada do pôr-do-sol, realizado num cenário em que penhascos se mesclam a papoulas vermelhas numa plantação de grão-de-bico. O poeta vê a cena e ocorre-lhe a idéia de pintar uma *aguarela* e não de escrever um poema. É um texto breve, com assunto leve, jovial, alegre, pouco comum na obra de Cesário Verde.

Realmente, o poema lembra uma aquarela, podendo figurar como texto ilustrativo para muitos quadros impressionistas. Para Figueiredo(1986:141): *A fugitiva impressão, o quadrinho apenas esquiçado, com as suas flores campestres, a sua paleta azul e vermelha, a sugestão de seios femininos dá-nos, na verdade, uma sensação de sensualidade repousada e feliz. Estamos, não há dúvida, perante um Renoir - e os autênticos.* E também Macedo(1986:148) expressa opinião semelhante:

A analogia entre o poema e uma aquarela é totalmente justificada. 'De tarde' é um quadro impressionista transposto em palavras - um 'Déjeuner sur l'herbe' - que especificamente se dirige à imaginação visual do leitor. (...) Mas sem dúvida, o grande momento da poesia-pintura ou da pintura poética de Cesário Verde está no pequeno poema intitulado 'De tarde'[...]. Como não pensar, lendo este poema em Manet, ou Renoir, Degas ou Monet ou em qualquer grande pintor que tenha utilizado tema semelhante em suas telas?

Poderíamos aproximar De Tarde ao quadro *As papoulas e Campos na Primavera* de Monet, a *O Prado e Trilhas na Relva* de Renoir, nos quais o campo, para a pintura impressionista, é visto com olhos de cidadão, como um lugar oposto à cidade em que representa a calma, alegria, o lazer, a luminosidade, a verdade. Na pintura ao ar livre (*au plein air*), excetuando seus evidentes elementos científicos (...) *esta idéia técnica tem um conteúdo político e moral e parece que procura dizer_ para o ar livre, para a luz da verdade.* Hauser(s.d.:949). Esse posicionamento em relação ao rural nas telas impressionistas, é uma consequência do progresso tecnológico que acentuou a oposição cidade e campo. Com o advento da ferrovia na Europa a partir de 1850, era possível ir aos arredores das grandes cidades e voltar no mesmo dia. Monet pintou várias paisagens do Sena e da área rural que cercava sua casa em Argenteuil, nas cercanias de Paris.



A descrição do campo, como nas telas impressionistas, feita por Cesário Verde é original, na medida que foge à tradição campesina portuguesa, pois não fala de (...)

leiras e de bois, de celeiros e de olivais,(...), de campónios de mãos calejadas, de pastores de varapaus aos ombros, de boas velhinhas ficando à porta dos casebres, Em vez, porém, desta teimosa documentação do atraso dos campos_ digo teimosa porque o Nacionalismo primeiro, o Neo-Realismo depois, no-la têm oferecido com igual insistência_ quem aparece em De Tarde é um casal de citadinos. Figueiredo(1986:142).

Estes estão bem vestidos_ a renda do vestido da mulher _ *Mas todo púrpuro a sair da renda/ Dos teus dois seios como duas rolas,/ e provavelmente bem nutridos e com boa situação econômica pela diversidade e fartura dos alimentos trazidos para o piquenique_ Naquele "pic-nic" de burguesas,/ (...)/ E houve talhadas de melão, damascos/ E pão-de-ló molhado em malvasia.*

A invasão do campo pela cidade é, aliás, uma característica basilar da poesia de Cesário. Em todos os seus poemas campestres, ele continua a ser um habitante da urbe e é dessa maneira que vê o campo. Visceralmente um cidadão, apesar do seu grande amor pela natureza, Cesário sempre observa o campo de fora, como proprietário de uma quinta e, portanto, como patrão. Em nenhum momento, mesmo naqueles em que se coloca ombro a ombro com o camponês, trabalhando no cultivo da terra e na comercialização de seus produtos, o poeta pretende ser um lavrador, Por maior que seja a simpatia com que encare o habitante do campo, e por maior que seja a compreensão que demonstre de suas dores e problemas, Cesário segue sendo o que sempre foi: lisboeta, comerciante e intelectual. (Lôbo,1999:61-2).

Cesário Verde com sua poesia *essencialmente pictórica* é o poeta do espaço e da memória(Coelho, 1976:195). *Recordando, o poeta descreve, pinta, de modo exacto e flagrante, objetos e sensações.*(p.198). No poema De tarde, Cesário recorta um momento em uma tarde de piquenique, um acontecimento_ *uma coisa simplesmente bela_*, um instantâneo, que poderia ter sido captada por uma máquina fotográfica, instantâneo esse que era o objetivo de todo pintor impressionista_ captar o instante, a capacidade de reter um momento no tempo.

Em sua citadíssima conceituação de *modernidade* enquanto uma *atitude* ou *consciência*, Baudelaire argumenta que o *homem moderno* é compelido a se arriscar a se tornar um agente ou ser autoconsciente, sem a *segurança* dos papéis e convenções herdados do passado. O seu recurso é tornar ironicamente heróico o *presente*(o *transitório*, o *fugidio*, o *continente*). (Fracina,1998:53).



Cesário Verde com a sua personalidade ao mesmo tempo sintonizada com a época e vigorosamente original(...), transportou essa linguagem prosaica, antioratória, corriqueira, para o clima da poesia autêntica; (...) implicitamente, demonstrou que a poesia anda esparsa pelos seres e pelas coisas habitualmente considerados prosaicos.(Coelho,1976:194). *Naquele “pic-nic” de burguesas,/ Houve um coisa simplesmente bela,/E que sem ter história nem grandezas,/Em todo o caso dava uma aguarela.* (...)a sua poesia é_ e aqui tão longe dos parnasianos como do próprio Baudelaire_ uma reivindicação do comezinho, do vulgar e, podemos dizer, do inestético.(Monteiro,1977:30). O momento escolhido para ser fixado não tem história, nenhuma importância para o país, nem antecedente algum, apenas para o próprio narrador, eu-lírico, poeta ou pintor.

Cesário busca um assunto inestético para o poema do antipoético, como, por exemplo, a presença do vulgar nas referências ao burrico (os jumentos eram presença essencial nos piqueniques desta época, tanto quanto eram os carneiros nas festas campestres do século XVIII), à plantação de grão-de-bico, às talhadas de melão, ao pão-de-ló, aos damascos. Como diz C.F.Moisés(1996:40), no caso de

Cesário Verde, um precursor, a poesia moderna não terá mais preconceitos contra aspectos vulgares ou prosaicos da natureza. (...) a poesia da natureza, no Modernismo nos ensina, entre outras coisas, que nada é poético em si (...). A qualidade poética nasce com o poema e depende do modo como o poeta encara a si mesmo, em relação com as coisas circundantes.

O que torna a poesia de Cesário Verde ainda mais singular é o seu *indefinível cruzamento com a prosa*. *E não apenas quanto a temas e vocabulários, mas à própria função discursiva.*(Ferreira,1976:53). Verificamos que esse poema apresenta uma estrutura narrativa: narrador em terceira pessoa- *Naquele “pic-nic”, Houve, Foi quando tu, Foste colher;* narrador-personagem- *Nós acampámos;* personagem principal- *Foi quando tu, descendo do burrico,/Fostes colher sem imposturas tolas/ (...)/Dos teus dois seios(...);* espaço- *Foste colher sem imposturas tolas,/ A um granzoal azul de grão-de-bico(...)/Pouco depois, em cima duns penhascos; /;* tempo- *Naquele “pic-nic” de burguesas,/Houve(...)/Pouco depois, em cima duns penhascos,/Nós acampámos, inda o sol se via;/;* ação- *Houve uma coisa simplesmente bela,(...)/ Foi quando tu, descendo do burrico,/Foste colher, sem imposturas tolas./A um granzoal azul de grão-de-bico/Um ramallete rubro de papoulas.(...)/E houve talhadas de melão, damascos,/E pão-de-ló molhado em malvasia./*

De tarde é uma verdadeira aguarela, ao observarmos o colorido que o poeta quis dar ao poema: *A um granzoal azul de grão-de-bico/Um ramallete rubro de papoulas.(...)/Nós acampamos, inda o sol se via;/E houve talhadas de melão, damascos,/E pão-de-ló molhado em malvasia./Mas, todo púrpuro a sair da renda/Dos teus dois seios como duas rolas,(...)/O ramallete rubro das papoulas!*

A cor azul, (o céu e a plantação de grão-de-bico), o amarelo (melão, damascos, pão-de-ló), e o vermelho (raios de sol do poente, papoulas) contaminaram todo o poema, transpondo-o para um quadro impressionista. No sintagma_ *granzoal azul_*



Cesário nos faz ver o campo a perder de vista e se tocar no azul do céu, numa visão perspectivada em que gera uma síntese (azul do céu+plantação de grão-de-bico) e uma derivação por aproximação- plantação de grãos-granzoal. Na paleta temos duas cores que estão colocadas estrategicamente próximas- azul(verso 7) e rubro (verso8). Estas cores misturadas pelo olhar do leitor transformam-se na cor púrpura (verso 13). *Esta ótica da cor, que depende da participação do espectador para poder completar seu espetacular resultado, é a grande revolução do Impressionismo.* (Balzi,1992:34).

Seus *originais e exatos* decassílabos heróicos e sáficos vão formar quadras, sua estrofe predileta, e tornar De tarde um poema moderno no conceito de Baudelaire, na medida em que torna heróico o presente_ o transitório, o contingente. Cesário tira o poético do pedestal: o poema se torna um misto de narrativa; o decassílabo não contempla temas considerados nobres; a estrofe empregada é a quadra, *o quarteto de arte menor, autônomo, desligado de qualquer compromisso estrófico.* (Campos, 1978:136); o poema não é escrito, é pintado, é uma *aguarela*.

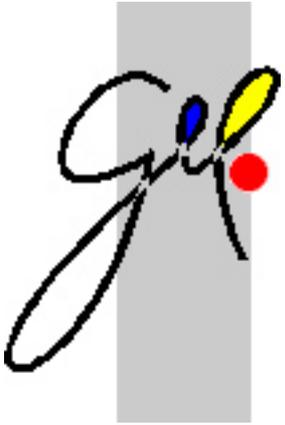
Cesário Verde demonstrou que há poesia pelos seres e pelas coisas habitualmente consideradas prosaicas. A questão é ter olhos para ver e sensibilidade para sentir.

RESUMO: Cesário Verde (1855-1886), poeta português realista, contemporâneo de Eça de Queiroz e de Antero de Quental, pode ser considerado um antecipador de processos poéticos modernos e uma testemunha poética de seu tempo, segunda metade do século XIX. Comentaremos o poema "De Tarde", publicação póstuma, do ciclo de poemas campestres, buscando, por meio do estético e do social, destacar a tradição e a modernidade de Cesário Verde.

PALAVRAS-CHAVE: Cesário Verde, Realismo Português; poesia; segunda metade do século XIX;

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BALZI, Juan José. *O impressionismo*. São Paulo: Ática, 1992. (Princípios, 225).
- CAMPOS, Geir. *Pequeno dicionário de arte poética*. São Paulo: Cultrix, 1978.
- COELHO, Jacinto do Prado. Cesário Verde, poeta do espaço e da memória. _____. *Ao contrário de Penélope*. Lisboa: Bertrand, 1976. p. 195-9.
- _____. Cesário e Baudelaire. In: _____. *Problemática da história literária*. Lisboa: Presença, 1981. p. 187-192.
- FRASCINA, Francis et al. *Modernidade e modernismo: a pintura francesa no século XIX*. Trad. Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Cosac & Naify Edições, 1998.
- FERREIRA, Vergílio. Relendo Cesário. *Colóquio-Letras*, n.31, p.49-58, 1976.
- FIGUEIREDO, João Pinto. *A vida de Cesário Verde*. Lisboa: Presença, 1986.
- HAUSER, Arnold. *História social da literatura e da arte*. Trad. Walter H. Geenen. São Paulo: Mestre Jou, s.d.
- LÔBO, Danilo. *O pincel e a pena: outra leitura de Cesário Verde*. Brasília: Thesaurus: Núcleo de Estudos Português-UNB, 1999.
- MACEDO, Helder. *Nós, uma leitura de Cesário Verde*. Lisboa: Plátano, 1975.



MOISÉS, Carlos Felipe. *Poesia não é difícil*. Porto Alegre: Artes & Ofícios, 1996.
MONTEIRO, Adolfo Casais. *A poesia portuguesa contemporânea*. Lisboa: Sá da Costa, 1977.
VERDE, Cesário. *Obra completa de Cesário Verde*. (org., pref. e anot. por Joel Serrão). 6.ed. Lisboa: Horizonte, 1992.